

BENEFÍCIOS DA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS COM CRIANÇAS EM INTERNAÇÃO HOSPITALAR

Amanda Ferreira de Carvalho¹
Ângela Maria Garcia dos Santos Silva²

INTRODUÇÃO

No Brasil, a profissão do psicólogo foi formalizada por volta da década de 60, quando os profissionais da área trabalhavam basicamente com a prática clínica. Em poucos anos, os psicólogos interessaram-se pelas instituições hospitalares, trabalhando inicialmente com questões relacionadas ao funcionamento da organização hospitalar. Com o passar do tempo, iniciaram a interação com os pacientes e esse contato com os enfermos faz parte da prática clínica, que permite ao profissional realizar um atendimento assistencial às pessoas internadas. A prática clínica pode auxiliar o paciente em questões relacionadas à aceitação da enfermidade e ao alívio da angústia causada pelas patologias.

Nesse sentido, a Terapia Assistida por Animais (TAA) é uma modalidade terapêutica que pode apoiar os psicólogos em diversos ambientes, visando conectar o paciente com o terapeuta. O atendimento psicológico de crianças com o auxílio da TAA, foco de interesse deste estudo, geralmente é vinculado a uma abordagem lúdica, explorando o imaginário. Por esse motivo, esta pesquisa apresenta informações relacionadas ao uso dessa modalidade de terapia com as crianças, demonstrando como o lúdico e os animais podem servir de apoio no processo terapêutico.

A autora deste estudo considera a TAA importante, porque pode servir de apoio aos mais diversos sintomas psicológicos demonstrados pelos pacientes e também porque pode colaborar no tratamento de patologias físicas, como a dificuldade motora (DOTTI, 2014). Além disso, como referido no parágrafo anterior, a TAA pode ser utilizada em variados ambientes, revelando-se uma abordagem leve e descontraída para o público que presencia o atendimento.

Considera-se, pelo exposto, fundamental a divulgação deste método terapêutico, pois, no Brasil, ainda existe escassez de materiais relacionados ao tema e poucos locais permitem o

¹ Graduanda no curso de Psicologia, na Faculdade IBGEN - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios. E-mail: amanda.carvalho@meuibgen.com.br

² Professora da Faculdade IBGEN - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios. Orientadora metodológica deste artigo. Doutora em Letras, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. E-mail: angela.silva@ibgen.edu.br

acesso dos animais para elaboração de vínculo com os pacientes. Essa dificuldade de utilização dos animais pode estar relacionada ao baixo número de informações referentes à técnica e ao pouco conhecimento da população sobre o tema.

O presente estudo é relevante também por demonstrar que a TAA permite agregar outras formas lúdicas de interação com crianças, ampliando, dessa forma, as intervenções realizadas pelo psicólogo. Nesse sentido, como contribuição para a comunidade acadêmica, este artigo reúne pesquisas que apresentam exemplos do uso da técnica identificados a partir de estudos de casos que contribuem com a análise do tratamento durante e após o uso da TAA.

Pelas justificativas apresentadas, o objetivo geral desta pesquisa visa identificar os benefícios emocionais da TAA em crianças hospitalizadas. Para alcançar-se esta meta, foi necessário cumprir-se os objetivos específicos que seguem: a) pesquisar a origem e utilização da Terapia Assistida por Animais; b) entender como a técnica é utilizada em ambientes hospitalares, explorando o olhar da psicologia; c) verificar os benefícios emocionais das visitas dos animais a crianças no ambiente hospitalar, de acordo com a literatura. A questão que conduziu este estudo tem como propósito entender todos os benefícios da TAA. Sendo assim, pretende-se responder ao seguinte questionamento: quais são os benefícios da Terapia Assistida por Animais com crianças em internação hospitalar?

Para atender à proposta do presente artigo, foi realizado um estudo teórico de caráter exploratório. De acordo com Gil (2010), essa modalidade de pesquisa possibilita o esclarecimento e familiarização da temática em estudo e auxilia na integração dos conceitos relacionados ao conteúdo trabalhado. A técnica de análise e interpretação de dados escolhida foi a análise de conteúdo, a qual, segundo Severino (2007), visa estabelecer uma compreensão sistemática referente aos materiais que poderiam contribuir com a apresentação dos dados sobre a Terapia Assistida por Animais.

O *corpus* de análise escolhido reúne algumas pesquisas das principais bases de dados acadêmicas, como BVS, SCIELO e Google Acadêmico sobre o tema analisado. A busca pelos textos referidos no desenvolvimento deste artigo utilizou como filtro palavras-chave, como: Terapia Assistida Por Animais; Crianças hospitalizadas; Animais e Psicologia; e Lúdico.

Por conta da baixa produção nacional, alguns artigos continham informações repetidas, sendo excluídos, portanto, da análise. Outros materiais foram desconsiderados por não possuírem relação com o objetivo do estudo. Sendo assim, nessa fase de avaliação inicial, de um total de 26 artigos, foram excluídos oito, restando 18 estudos que foram selecionados para o desenvolvimento do presente artigo. Através desse planejamento, foi possível incluir

no trabalho informações significativas referentes às principais intervenções e benefícios dessa abordagem terapêutica.

Depois de selecionado e analisado o material, foi necessário dividir o artigo em cinco seções e uma conclusão, além desta introdução. As seções estão divididas da seguinte maneira: contexto histórico, inclusão de animais em diferentes contextos, protocolos de segurança no processo terapêutico, psicologia hospitalar e os benefícios da TAA.

1 TAA: CONTEXTO HISTÓRICO

A interação de seres humanos com animais pode ser constatada desde à pré-história, período em que foi possível descobrir registros arqueológicos de que os animais poderiam ser ameaçadores, mas também poderiam ser uma ferramenta para auxiliar na busca por alimentos e na proteção das cavernas, como esclarecem Vivaldini e Oliveira (2011). De acordo com as autoras, é provável que o primeiro animal a ser domesticado pelos humanos tenha sido o cão, relação que teria sido iniciada com o lobo nos primórdios da história.

Por volta do século XVIII, alguns pesquisadores começaram a observar que a relação do ser humano com os animais trazia reações benéficas ao corpo humano. Nesse período, surgiu, na Inglaterra, a inclusão de animais em relações terapêuticas com pessoas diagnosticadas com transtornos mentais. Inicialmente, esse contato foi estabelecido pelo psiquiatra inglês William Tuke, no The York Retreat, que era uma espécie de asilo para pessoas esquizofrênicas. Conforme explicam Garcia (2009) e Dotti (2014), para Tuke, o animal despertava sentimentos sociais e benevolentes nos internos. Após a implantação dessa abordagem terapêutica, a The York Retreat se tornou modelo para as demais instituições de saúde mental. O primeiro registro da utilização de animais fora da Europa foi em 1919, em Nova Iorque, no Hospital St. Elizabeth. O foco do tratamento, na América, eram homens com problemas mentais (DOTTI, 2014).

No Brasil, a psiquiatra Nise da Silveira foi a precursora da técnica na década de 50. Após notar os benefícios do contato de um de seus pacientes com um cão, começou a incluir no tratamento de pacientes esquizofrênicos cães e gatos, passando a chamá-los de co-terapeutas. Em seguida, o psiquiatra americano Boris Levinson incluiu animais como co-terapeutas em seu consultório, utilizando-os principalmente em tratamento psicológico de crianças. Levinson entrou em contato com Silveira através de cartas, por meio das quais trocaram informações e inovações sobre o uso dos animais no tratamento de diversas patologias. Essa relação dos interesses de Boris e Nise os uniu no desenvolvimento da técnica (DOTTI, 2014).

Em torno dos anos 70 e 80, os estudos em relação à terapia com animais continuaram sendo desenvolvidos por psiquiatras interessados no trabalho de Boris Levinson. Nessa época, Samuel e Elizabeth Corson utilizaram cães nos processos terapêuticos em hospitais psiquiátricos e identificaram que os animais auxiliavam no surgimento de sentimentos de autoestima, senso de responsabilidade e independência nos pacientes (DOMINGUES, 2007).

Segundo Dotti (2014), em meados de 1990, o termo universal Terapia Assistida por Animais foi adotado pelo organismo internacional Delta Society, criado em 1977. A organização tem como objetivo principal melhorar a qualidade de vida das pessoas com o auxílio dos animais. Após este breve histórico sobre como se deu o desenvolvimento da TAA ao longo dos anos, as próximas seções apresentam as novas intervenções da técnica nas décadas que se seguiram.

2 INCLUSÃO DE ANIMAIS EM DIFERENTES CONTEXTOS

Existem diversas instituições que utilizam os animais como ferramentas de apoio, seja na aprendizagem, seja na saúde física ou na terapia. Garcia (2009) cita alguns tipos de interações denominadas como: Atividade Assistida por Animais, Animais de Serviço, Terapia Assistida por Animais e Aprendizagem com Animais. Mas, antes da inclusão do animal em qualquer âmbito, é necessário que passe por uma avaliação física e psicológica, que deve ser realizada por um médico veterinário (DOTTI, 2014).

É denominada Atividade Assistida por Animais qualquer interação que envolva animais, como esportes e atividades de recreação. Pode ser usada para diversão em diferentes âmbitos e não possui nenhum propósito específico além da interação. Os Animais de serviço são devidamente treinados para auxiliar em patologias e deficiências. Como exemplo mais comum, Garcia (2009) cita o cão guia.

Entende-se por Terapia Assistida por Animais as técnicas de intervenção realizadas com o intuito de alterar algum comportamento específico do paciente em internação hospitalar ou em demais contextos terapêuticos. Esse tipo de terapia é desenvolvida por um psicólogo que coordena a interação para atingir o propósito estabelecido. É um trabalho desenvolvido com cautela, que busca traçar planos e objetivos para auxiliar o paciente.

A Aprendizagem com Animais é baseada em intervenções que auxiliam em aprendizagem de habilidades, como noções de responsabilidade ou aulas interativas e expositivas. Através de uma abordagem lúdica, os animais podem auxiliar, por exemplo, no aprendizado da escrita e da leitura. Para entendimento desse processo, Garcia (2009) esclarece

que é possível usar um cão em uma sala de aula como estímulo. A introdução do animal ao contexto torna a aprendizagem mais convidativa para as crianças, explica o autor.

3 PROTOCOLOS DE SEGURANÇA NO PROCESSO TERAPÊUTICO

Geralmente, a Terapia Assistida por Animais é realizada no âmbito hospitalar com pacientes em atendimento em unidades de internação. Independente do tempo de internação do paciente, se poucos dias ou até meses, ele pode se beneficiar da TAA. Nesse caso, é importante existir apoio emocional para enfrentar essa fase e para que todos os cuidados com a sua saúde do paciente e do animal sejam efetivos. Para isso, existem alguns protocolos para a prática da TAA que devem ser seguidos.

Garcia (2009) esclarece que o treinamento do animal para ser utilizado na terapia é um processo demorado, pois o cão, por exemplo, deve estar apto a obedecer comandos básicos, sendo também importante o aprendizado de truques e brincadeiras que podem auxiliar no processo terapêutico. Além disso, o animal deve estar devidamente vacinado, saudável e higienizado, cuidados que são fundamentais para o bom funcionamento da técnica, principalmente em um ambiente que necessita de muita higiene, como uma instituição hospitalar.

Após a análise da unidade onde a Terapia Assistida por Animais será aplicada, identificando qual o funcionamento do ambiente, no que se refere às normas, ao perfil dos pacientes e aos profissionais envolvidos, é possível planejar o processo de integração e familiarização do animal com os pacientes. Vale ressaltar que existem poucos hospitais que permitem o acesso dos animais em âmbito nacional, mas geralmente os locais que dão abertura para esse contato são instituições com uma grande infraestrutura, como o hospital Albert Einstein, em São Paulo, por exemplo.

Dotti (2014) acrescenta que, na avaliação do temperamento do animal, é importante aplicar testes e verificar as reações do avaliado a estímulos estressores. Dessa forma, torna-se possível ter noção de como ele irá se portar em determinadas situações. O autor informa que os principais critérios de exclusão do animal durante a seleção para uma TAA são a idade avançada, as condições físicas inadequadas e o comportamento extremamente agitado.

4 PSICOLOGIA HOSPITALAR

Como referido na seção anterior, a Terapia Assistida por Animais é desenvolvida em unidades hospitalares com a coordenação de um psicólogo. Para melhor compreensão do

papel do psicólogo em contexto hospitalar, é importante compreender a história sobre como esse profissional foi introduzido nesse ambiente.

A legalização da profissão do psicólogo no Brasil ainda é muito recente, motivo por que é possível verificar que ainda existem muitas áreas em desenvolvimento dentro da Psicologia, segundo Schneider e Moreira (2017). Por volta dos anos 70, a psicologia clínica estava em alta, mas existia a necessidade de novas áreas de atuação, explicam os autores. Em busca de novos campos para execução das suas atividades, os psicólogos identificaram os hospitais como potenciais ambientes para desenvolver a prática clínica e acolher os pacientes internados. Esses profissionais começaram, então, a adaptar suas técnicas e conhecimentos teóricos para serem utilizados no âmbito hospitalar.

Conforme descrevem os autores, as primeiras intervenções realizadas nesse contexto foram relacionadas ao funcionamento das instituições, oportunizando aos psicólogos atuarem tanto na clínica, quanto na área organizacional. Schneider e Moreira (2017) explicam que o principal propósito do profissional desta área é trabalhar na busca pela qualidade de vida dos pacientes e dos funcionários do local.

Para realizar um atendimento estruturado, os psicólogos se baseiam em um roteiro de questões sobre o quadro do paciente. Investigam desde o estado emocional como um todo, avaliando se existem sequelas emocionais vinculadas ao tratamento, de forma a identificá-las, até o temperamento a sua postura dos indivíduos frente à doença e à vida. Esses são apenas alguns aspectos de uma análise criteriosa que busca avaliar e compreender qual a condição psíquica que o paciente demonstra e qual o planejamento necessário para apoiá-lo na fase em que se encontra debilitado Chiattonne (2013).

No caso específico da criança em internação hospitalar, que é objeto de interesse deste estudo, especialmente no que se refere à TAA, Chiattonne (2013) afirma que a aplicação deste roteiro de questões é fundamental, porque o infante pode apresentar diversos efeitos psicológicos negativos durante sua estadia na instituição, como os demonstrados no quadro 1.

Quadro 1 - Efeitos psicológicos no comportamento infantil durante internação

Efeitos psicológicos em crianças em internação hospitalar
Negação da doença;
Revolta;
Culpa e Sensação de Punição;
Ansiedade;
Depressão;
Projeção;

Solidão;
Distúrbios Neuróticos;
Comportamento “Esquizóide”;
Frustração de Sonhos e Projetos;
Privação da Realização;
Regressão e Busca de Proteção;
Intolerância Emocional;
Negativismo.

Fonte: Chiattonne, 2013.

É válido acrescentar que esses efeitos podem variar conforme a fase do desenvolvimento da criança. Eles sugerem qual a forma de enfrentamento a psique infantil encontrou para lidar com o sofrimento. O papel do psicólogo nessa relação terapêutica é fornecer o suporte psicológico necessário para a criança e para os familiares que sofrem com todo o contexto da internação (CHIATTONE, 2013).

5 BENEFÍCIOS DA TAA

Conforme Savalli e Ades (2016), o princípio que rege a Terapia Assistida por Animais é baseado no senso comum de que o contato entre animais e humanos pode proporcionar bem-estar e auxílio na saúde física e mental dos pacientes, incluindo-se as crianças hospitalizadas. Porém, de acordo com os autores, alguns cientistas têm dúvidas sobre os benefícios da TAA. Por essa razão, recentemente surgiram profissionais interessados em estudar os efeitos benéficos dessa interação.

Como a Terapia Assistida por Animais é uma abordagem terapêutica recente, o tema vem ganhando a atenção de estudiosos e cientistas em todo o mundo. Alguns especialistas já informam que este processo terapêutico é rico em reações químicas que causam bem-estar, mas as pesquisas para a comprovação dos resultados estão crescendo lentamente (DOTTI, 2014). Sem dúvida, os animais servem como ferramenta para os profissionais da saúde na condução do caso clínico dos pacientes internados, por facilitarem a criação de vínculos e por reduzirem o estresse que o ambiente hospitalar pode causar nas crianças, trazendo a sensação de tranquilidade, explica Dotti (2014). O autor acrescenta que a utilização dos animais no tratamento de crianças apresenta, ainda, os seguintes benefícios: auxilia no desenvolvimento motor e físico, faz com que desenvolvam a compaixão, ajuda as crianças a terem noção de responsabilidade, e serve como um catalisador das frustrações causadas pela inquietude da internação.

Silveira (2015) relata que quando um de seus pacientes em tratamento adotou uma cadela, verificou que a presença do animal serviu como uma conexão importante com o mundo externo. O enfermo desenvolveu o senso de responsabilidade ao construir uma casa de madeira para abrigar a cadela denominada Caralâmpia e demonstrava muito carinho pelo animal, desenvolvendo, dessa forma, uma relação de afeto. É importante ressaltar que esse paciente era considerado agressivo pela equipe de enfermagem, explica a autora, e essa relação de afeto modificou seu comportamento, facilitando também a sua interação com outras pessoas.

Savalli e Ades (2016) acrescentam que relações sociais gratificantes geram bem-estar nos seres humanos e um animal doméstico pode ser um excelente aliado no alívio de estressores, tornando o seu dono mais saudável. A presença de um animal que busque atenção e afeto pode ser um diferencial no estabelecimento do apego com o seu tutor, revelam os autores.

Pelos benefícios descritos, Ramos, Prado e Mangabeira (2016) entendem que a abordagem lúdica é relevante para a terapia em qualquer faixa etária, podendo ocasionar resultados positivos no processo de integração no espaço clínico e criação de vínculo entre terapeutas, área médica e demais pacientes. Explicam que o cão, por exemplo, pode ser visto como um brinquedo, porque, através do estímulo da criança, apresenta reações e possibilita a execução de variadas atividades.

Os principais benefícios demonstrados por este contato com os animais podem ser destacados como benefícios físicos, emocionais e sociais. No caso dos primeiros, estabilizam a pressão arterial, estimulam a fala e identifica-se o estímulo da memória através das atividades desenvolvidas com o animal durante o processo psicoterapêutico, como esclarece Dotti (2014). Quanto aos benefícios sociais, o autor descreve a diversão, a comunicação com outras pessoas, a segurança e a troca de informações com as demais crianças envolvidas no mesmo ambiente. Os benefícios emocionais, que são o principal foco do presente artigo, serão detalhados na subseção 7.1.

O quadro 2, a seguir, apresenta um resumo dos benefícios sociais e físicos tratados até o momento como resultado da TAA com pacientes.

Quadro 2: Benefícios da TAA

Benefícios Sociais	Benefícios Físicos
Integração no espaço clínico.	Redução dos níveis de cortisol (hormônio do estresse).
Criação de vínculo com os	Auxílio no desenvolvimento motor

profissionais.	através de exercícios.
Estabelecimento de apego com o animal.	Pressão arterial estabilizada.
Recreação e diversão.	Desenvolvimento da fala.
	Exercício da memória.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Como se pode verificar, são diversos os efeitos benéficos nesse contato do paciente com os animais. Dotti (2014) ressalta que essa relação se estabelece como uma cumplicidade e a segurança que o animal traz para a criança faz com que os níveis de ansiedade sejam reduzidos. Esse processo a induz a falar mais tranquilamente sobre suas emoções para o psicólogo. Além disso, o autor acrescenta que o contato com os animais ajuda a liberar diversos hormônios saudáveis, como a endorfina beta, a prolactina e a oxitocina. Eles atuam regulando as taxas de cortisol, hormônio relacionado ao estresse. Essa convivência libera também outro hormônio, a acetilcolina, que está relacionado ao estado de tranquilidade, diminuição da pressão arterial, frequência cardíaca e respiratória. Todas estas alterações em conjunto auxiliam no bem-estar do paciente, argumenta o autor.

5.1 BENEFÍCIOS EMOCIONAIS DA TAA

A proposta desta subseção é destacar, dentre os inúmeros benefícios da Terapia Assistida por Animais elencados na seção anterior, os benefícios emocionais dessa modalidade terapêutica, que é tema de interesse da psicologia hospitalar. Nesse sentido, busca-se demonstrar que alguns dos maiores benefícios do contato entre humanos e animais são inteiramente psicológicos. Entende-se, por esse motivo, que a presença de um psicólogo durante essa interação é fundamental para oferecer apoio emocional aos pacientes, sobretudo às crianças em atendimento hospitalar

Como marco inicial do contato entre animais e crianças em tratamento terapêutico, considera-se necessário recuperar o estudo do psiquiatra americano Boris Levinson. De acordo com os registros de Vaccari e Almeida (2007), o médico identificava o animal como um objeto de fantasia, que auxiliava a criança a ser mais independente, especialmente nas questões relacionadas à responsabilidade, que podem ser exemplificadas como os cuidados de alimentação e higiene do animal. Para ele, um animal de estimação é um grande companheiro que estará sempre ao lado da criança transmitindo amor, lealdade e servindo de “ombro amigo” em situações nas quais os pais não podem dar toda atenção e suporte necessários para suprir as carências afetivas do filho (VACCARI; ALMEIDA, 2007).

Quando as crianças passam por momentos difíceis, por exemplo, como uma enfermidade seguida da internação hospitalar, podem apresentar quadros ansiogênicos e dificuldade de confiança na equipe responsável pelo seu tratamento, explica Dotti (2014). Além da angústia da internação, torna-se difícil a sobrevivência nesse ambiente, porque a criança não reconhece esse local como seu lar, onde se sente segura. Os animais servem então como auxiliares dos profissionais da saúde na condução do caso clínico dos internados e na dispersão da atenção da criança em relação aos incômodos do tratamento da sua patologia. Nesse sentido, a inclusão de animais em hospitais pode influenciar positivamente o tratamento clínico dos pacientes, resultando em um significativo progresso no quadro da criança, como esclarecem Vivaldini e Oliveira (2011).

Para melhor explicação dos benefícios emocionais que a TAA pode ter na psique da criança, as graduandas em enfermagem, Vaccari e Almeida (2007), fizeram um estudo de caráter exploratório, por meio do qual presenciaram o contato das crianças com animais diretamente em seus leitos em um hospital pediátrico. O estudo foi realizado através de observação e comunicação com as crianças. Cabe ressaltar que a observação citada foi realizada individualmente e em momentos distintos pelas pesquisadoras. Dessa forma, o relato a seguir refere-se a momentos individuais de observação de cada uma separadamente.

A primeira etapa do estudo era a vinculação de uma das observadoras com uma criança através de diálogos e desenhos antes da visita dos animais. Esse primeiro contato não tinha como tema a visita dos animais terapêuticos, apenas servia para a criança se adaptar com a presença da pesquisadora no ambiente. Quando os animais chegavam na unidade de internação, os voluntários que trabalhavam no projeto os colocavam nos leitos junto às crianças para a primeira interação através do contato físico. As autoras do estudo referem que mesmo com todos os protocolos seguidos para a inclusão dos animais no hospital, alguns responsáveis pelas crianças apresentavam receio de autorizar a interação. A preocupação relacionava-se ao risco de infecções e proliferação de doenças e essa decisão foi inteiramente respeitada pela equipe.

Após esse primeiro contato, havia momentos em que os infantes que tinham quadros de saúde estabilizados podiam ir até a sala de recreação para ter um contato mais dinâmico com os animais. Vaccari e Almeida (2007) relatam que nessa visita realizada em um ambiente amplo, os animais eram colocados em cima de mesas onde as crianças podiam alimentá-los, acariciá-los e realizar brincadeiras diversas. Na ocasião, foram dispostos animais de diversas espécies, como tartarugas, coelhos, porquinhos-da-índia e cães. Todos eles causaram curiosidade e encantamento nas crianças e elas demonstraram interesse em pegá-los no colo e

em acariciá-los. Mesmo com timidez e com pouca habilidade, os pequenos iam se soltando aos poucos.

Terminada a visita, uma das pesquisadoras novamente convidou as crianças para fazer um desenho, dessa vez utilizando como tema a visita dos animais. Ela relata que as crianças gargalhavam e demonstravam satisfação no contato estabelecido em qualquer atividade lúdica proposta. Durante as conversas, as crianças indicavam quais características gostaram em cada animal, quais eram os mais divertidos e se gostariam de receber a visita deles novamente.

As autoras salientam que, depois do contato com os animais, foi possível notar uma grande diferença no comportamento dos pequenos pacientes: "Algumas crianças tornaram-se mais ativas e interessadas após a visita dos animais, verbalizando com maior frequência, mostrando-se mais desinibidas e relaxadas junto à pesquisadora, a quem procuravam para desenhar" (VACCARI; ALMEIDA, 2007, p. 114). Por meio dessa pesquisa, pode-se comprovar a existência de vários efeitos positivos relacionados à visita terapêutica. É possível relacionar o relato das pesquisadoras com a teoria que Dotti (2014) apresenta sobre o relaxamento e sensação de tranquilidade que são vistos no comportamento da criança. Este autor refere que mesmo em uma situação atípica como uma internação hospitalar, o contato prazeroso produz hormônios que explicam essa melhora no quadro psíquico.

Outro fato relevante está relacionado com os relatos de algumas crianças sobre a diminuição da sensação de dor durante e após a visita dos animais. Essa melhora no quadro clínico pode ser associada ao efeito da distração que os animais causam no ambiente. As reações hormonais positivas que promovem melhora no quadro emocional e alívio do sofrimento da criança são visíveis no decorrer de todo o experimento, explicam Vaccari e Almeida (2007). Verifica-se também que as relações sociais das crianças podem ser estimuladas e trazem para o ambiente uma integração que pode ser fundamental para o bem-estar.

Dotti (2014) indica alguns dos inúmeros benefícios emocionais que a Terapia Assistida por Animais pode oferecer às crianças em internação hospitalar. Através de seu estudo, identificou o amor incondicional que os animais podem demonstrar às crianças, uma vez que são animais inteiramente puros e carinhosos. Esclarece que essa interação auxilia na redução de sentimentos relacionados à solidão na qual se encontram os enfermos, o que, segundo o autor, é bem positivo, tendo em vista que nem sempre a equipe consegue dar carinho às crianças devido à intensa demanda de trabalho que cumprem diariamente. Explica que as crianças tornam-se mais espontâneas e alegres após o contato com os animais e essas

reações benéficas auxiliam os profissionais da saúde a realizarem o tratamento clínico corretamente, facilitando o processo de medicação e higiene da criança.

Um outro estudo, realizado por Wu et al. (2002)³ em um hospital infantil americano, descreve o estímulo da visita de animais a pacientes na faixa etária que variava entre 6 meses até a adolescência, os quais, em sua maioria, apresentavam problemas cardiovasculares. Após as visitas, de acordo com os autores, não foram identificadas alterações significativas nas frequências respiratórias e cardíacas desses pacientes. Porém, durante as visitas, foi possível visualizar uma melhora no quadro clínico, comprovando que a presença do animal no ambiente hospitalar pode ter efeitos relaxantes e proporcionar sensações de bem-estar.

O estudo citado demonstra o olhar de enfermeiros e médicos em relação ao contato dos animais com as crianças, mas, através das abordagens da psicologia, seria possível desenvolver o trabalho em conjunto com a Terapia Cognitiva Comportamental. Essa modalidade terapêutica pode ser uma terapia breve e com o apoio da TAA pode resultar em efeitos benéficos significativos. Isso acontece porque, conforme explica a psicóloga Alessandra Martins entrevistada por Oliveira (2007), uma criança que convive com animais torna-se mais tranquila, mais empática, com facilidade de troca e percepção das necessidades do outro, compreendendo melhor os ciclos da vida. Oliveira (2007) afirma que a psicóloga acredita que o senso de responsabilidade da criança é ainda maior quando é ela quem pede um animal, o que, segundo esclarece, é normalmente para suprir alguma carência individual ou familiar.

Com a criança conectada emocionalmente e ludicamente ao animal, o psicólogo pode extrair diversas questões inconscientes que prejudicam o paciente. Por meio da TAA, a criança pode projetar no animal suas angústias e o terapeuta consegue explorar os fatos através desta abordagem (DOTTI, 2014).

Estabelecendo-se uma relação entre os efeitos psicológicos negativos que podem ocorrer com crianças em internação hospitalar, os quais estão demonstrados no quadro 1, localizado na seção 4 sobre psicologia hospitalar, e os efeitos psicológicos positivos proporcionados pela Terapia Assistida por Animais, pode-se visualizar os benefícios dessa modalidade terapêutica de forma mais efetiva. No caso do efeito de negação da doença e revolta, conforme a visão cognitivista de Chiattonne (2013), uma criança que se encontra em uma unidade de internação pode demonstrar impaciência e resistência para tomar as medicações necessárias. A presença do animal pode reduzir o estresse e auxiliar a criança no

³ Tradução da autora.

entendimento das suas necessidades. Assim como um animal precisa de ajuda para sobreviver e demonstra-se amável, o interno pode compreender algumas questões relacionadas ao ciclo da vida.

No que se refere aos sentimentos de culpa e sensação de punição que podem estar relacionados com o item anterior, a autora acredita que esses sentimentos não cooperam para a criança ter uma reflexão positiva sobre a sua internação, pois entende a sua patologia como um castigo. Os sentimentos relacionados à ansiedade, à depressão, à projeção e à solidão também podem englobar esse quadro. A TAA estimula a criança a falar abertamente sobre suas angústias e a catalisar suas frustrações. Com o auxílio do psicólogo atuando com os animais ludicamente, esses sintomas podem ser reduzidos, normalmente sem nenhuma interação de psicofármacos.

Para Chiattonne (2013), os quadros de distúrbios neuróticos e comportamento esquizoide são mais delicados, porque geralmente são resultados de algum processo traumático durante a internação, ou fazem parte de um processo de desenvolvimento infantil com pouca ou nenhuma afetividade de seus cuidadores. São situações de desequilíbrio mental que geram uma angústia intensa e, dependendo do nível de desequilíbrio, podem necessitar, inclusive, de algum tratamento farmacológico relacionado à psique, explica a autora. Evita-se, nesse caso, o uso exacerbado de medicações para uma criança que se encontra em um tratamento medicamentoso mais intenso, porém, dependendo do quadro, essas questões devem ser analisadas criteriosamente. A TAA pode auxiliar o psicólogo no atendimento da criança que apresenta esses traços, mas todo cuidado é importante para dar assistência corretamente.

Os efeitos negativos de frustração de sonhos e projetos e privação da realização podem ser visualizados conforme a idade e a conscientização da criança, esclarece a autora. Nesses casos, o paciente pode ter receio de passar um longo período internado, de perder alguma data comemorativa, de sentir saudade da escola e dos familiares. Esses sentimentos de frustração e privação certamente podem trazer a angústia, muitas vezes inconsciente, à tona. Dificilmente uma criança saberá descrever exatamente o que está sentindo, por esse motivo, a TAA, utilizada em conjunto com a abordagem lúdica, torna-se tão importante para auxiliar uma criança. Os psicólogos compreendem que esse processo é fundamental para oferecer um tratamento adequado que reduza os danos que poderiam surgir no emocional da criança após a internação.

Além dos efeitos já citados por Chiattonne (2013), em busca de amparo e atenção, a criança pode demonstrar comportamentos regressivos e de intolerância emocional durante a

internação. Isso significa que pode revelar sentimentos relacionados a uma fase anterior do seu desenvolvimento. Nesse processo, a fala pode ser afetada. Quando esse quadro se apresenta, uma criança que já teve um desenvolvimento considerável na comunicação pode retomar alguns erros de palavras e tornar-se intolerante emocionalmente. Essa intolerância pode ser relacionada à impaciência, uma vez que entende-se que o infante não aceita ordens, não consegue esperar para obter alguma gratificação, é resistente ao tratamento e busca atenção total dos seus responsáveis. O quadro regressivo é coerente com a angústia que a internação causa, mas através das relações sociais com outras crianças e das abordagens lúdicas realizadas na sala de recreação, é possível a dispersão e melhora comportamental, uma vez que obtém a atenção que busca. Sem dúvida, a presença de um cão, por exemplo, auxilia consideravelmente nas dinâmicas realizadas no ambiente.

Para a compreensão do último item, o negativismo, é relevante informar que todos os efeitos já citados podem ser apresentados simultaneamente e cada caso deve ser acompanhado individualmente para receber o tratamento adequado. O negativismo pode, por exemplo, surgir em conjunto com a ansiedade, a culpa, a solidão, a privação e entre os demais efeitos. Entende-se, desse modo, que é normal uma criança apresentar alguns desses sintomas, porque uma internação não é um processo agradável, ainda que os profissionais da saúde façam o possível para descontrair e tornar o ambiente mais confortável para os internos. Mesmo com esse cuidado, ainda assim é um processo delicado, mas pode ser amenizado com os benefícios da TAA que auxiliam esses profissionais e apresentam um retorno considerável no tratamento das enfermidades infantis.

CONCLUSÃO

De acordo com a proposta inicial deste estudo teórico apresentada na introdução do presente artigo, o objetivo geral deste trabalho buscava identificar os benefícios emocionais da Terapia Assistida por Animais com crianças em internação hospitalar. Para atingir-se esta meta, foi necessário traçar os seguintes objetivos específicos: (a) pesquisar a origem e utilização da Terapia Assistida por Animais; (b) entender como a técnica é utilizada em ambientes hospitalares, explorando o olhar da psicologia; (c) e verificar os benefícios emocionais das visitas dos animais a crianças no ambiente hospitalar, de acordo com a literatura. Busca-se, enfim, responder ao seguinte questionamento: quais são os benefícios da Terapia Assistida por Animais com crianças em internação hospitalar?

A pesquisa bibliográfica realizada permitiu que esta pesquisadora cumprisse com todas as metas estabelecidas, por meio do estudo de obras e artigos referidos ao longo do desenvolvimento do trabalho, os quais abordam o tema da pesquisa.

Em relação à origem e utilização da Terapia Assistida por Animais, constatou-se que a interação entre humanos e animais surgiu na pré-história e foi desenvolvendo-se ao longo de milhares de anos. Mas os primeiros relatos relacionados ao uso de animais com intuito terapêutico surgiram no final do século XVIII, período em que psiquiatras europeus faziam uso dessa abordagem com pacientes esquizofrênicos.

No Brasil, somente na década de 50, a psiquiatra Nise da Silveira dava a conhecer a Terapia Assistida por Animais, quando realizou seus primeiros estudos e experimentos. Duas décadas depois, quando surgiu a Psicologia Hospitalar no país, Silveira (2015) estava em pleno processo de implantação da técnica, mas vale ressaltar que os psiquiatras que trabalham em sua equipe não aderiram à técnica proposta por ela. Por conta disso e especialmente por ser uma abordagem terapêutica recente, por longos anos não houve relatos da TAA no país. De acordo com Dotti (2014), a demanda de estudos nessa área cresceu consideravelmente somente no século XXI, a partir do interesse de acadêmicos na área de saúde, por meio de estudos empíricos e teóricos.

Através da pesquisa bibliográfica, encontrou-se inúmeros benefícios da Terapia Assistida por Animais com crianças em internação hospitalar. Foi possível compreender o quadro psicológico no qual as crianças se encontravam no processo de internação e verificar como os animais poderiam contribuir no processo terapêutico. Os benefícios são de ordem social, física e emocional.

Os benefícios sociais relacionados à terapia são apontados por Dotti (2014). O autor descreve que as crianças que possuem contato com os animais apresentam melhora na comunicação e se tornam mais acessíveis para a criação de vínculo com terapeutas e demais profissionais de saúde. Além do contato com os profissionais, elas demonstram interesse em interagir com as demais crianças internadas, uma vez que o animal contribui ludicamente e auxilia nas brincadeiras (RAMOS; PRADO; MANGABEIRA, 2016).

No que se refere aos benefícios físicos da TAA, por meio da pesquisa constatou-se que podem ser tanto internos como externos. Dotti (2014) classifica como externos, os benefícios relacionados à melhora da coordenação motora, fortalecimento muscular e desenvolvimento da fala, por exemplo. Essas mudanças acontecem geralmente nos momentos recreativos com o animal, quando a criança pode explorar o espaço e realizar atividades físicas. Verificou-se também que a TAA pode contar com o auxílio de uma equipe multidisciplinar que tenha

profissionais da fonoaudiologia, sendo possível estimular a criança a realizar exercícios verbais sobre temas relacionados ao contato com os animais.

Os benefícios físicos internos dessa interação com os animais estão relacionados à redução de hormônios vinculados ao estresse, que produzem sensação de relaxamento e tranquilidade nos pacientes. A acetilcolina, por exemplo, é um hormônio que quando estimulado na TAA, pode reduzir a pressão arterial e auxiliar na melhora do quadro clínico da criança. Entende-se, portanto, que a abordagem terapêutica proposta pela TAA auxilia o organismo humano a produzir hormônios saudáveis.

É válido relacionar os benefícios físicos com os benefícios emocionais, foco do objetivo geral deste estudo, uma vez que essa mudança química reflete diretamente no comportamento humano. Tratando-se de uma abordagem lúdica que auxilia na redução do estresse e da ansiedade, constatou-se que a Terapia Assistida por Animais com criança em ambiente hospitalar pode ser uma grande aliada no processo terapêutico, especialmente quando a criança demonstra sentimentos ansiogênicos. Nesse caso, o animal utilizado na terapia é considerado um facilitador do vínculo da criança com o terapeuta. Por meio das intervenções realizadas pelo profissional da Psicologia em conjunto com o animal, é possível compreender as marcas inconscientes da criança, que geralmente projeta nele suas emoções e angústias, servindo o animal, portanto, como catalisador dessas emoções. Revela-se, dessa forma, a eficácia da TAA, pois graças aos benefícios referidos, os psicofármacos podem ser reduzidos ou até dispensados dependendo do caso.

Apesar de ser uma abordagem nova, a TAA é bastante eficiente para apoiar os profissionais da psicologia em âmbito hospitalar, especialmente no tratamento com crianças, como se pôde observar durante a pesquisa. Por essa razão, este estudo teórico se constitui como uma importante contribuição para o âmbito acadêmico e para os profissionais da saúde, no sentido de disseminar os benefícios da técnica, especialmente porque poucos terapeutas se utilizam dessa abordagem terapêutica. É importante salientar que essa abordagem só deve ser considerada efetiva para um tratamento psicológico íntegro, quando utilizada por uma equipe que seja composta por, pelo menos, um psicólogo.

Através dos resultados obtidos no presente estudo, verificou-se o quanto o contato com animais é rico para as crianças. A TAA é uma abordagem lúdica que é aceita facilmente por pacientes de qualquer idade e, no caso de serem crianças, é ainda mais enriquecedora, pois além de todos os benefícios relacionados ao bem-estar físico, emocional e social, é uma experiência de aprendizagem. Exemplifica-se esse “bônus” pela interação das crianças com animais de espécies diversas, quando é possível aprenderem do que eles se alimentam, entre

outras coisas. Além disso, nessas interações, as crianças podem interagir com outras, demonstrando como resultado mudanças comportamentais positivas. Também após a internação hospitalar, a TAA pode ser fundamental para o bem-estar da criança, já que pode diminuir a possibilidade de um grande abalo na sua psique, aumentando, desse modo, as chances de ela ter um desenvolvimento saudável.

Por meio das pesquisas que possibilitaram o desenvolvimento deste artigo, foram encontrados estudos empíricos que demonstraram como a TAA contribui para o desenvolvimento emocional das crianças, auxiliando-as a compreender os ciclos da vida e a ter noções de responsabilidade em relação ao cuidado com os animais. Verificou-se que, após esse contato, elas demonstraram menor dificuldade para tomar as medicações necessárias ao tratamento.

Cabe ainda relatar que a autora deste artigo encontrou alguns obstáculos para a execução da pesquisa, porque ainda há pouca bibliografia nacional acerca do tema. Foi preciso, portanto, realizar uma pesquisa extensa e criteriosa para obter todo o material necessário para responder ao problema de pesquisa e para contemplar os objetivos propostos.

Pelos motivos apresentados e pelas limitações do estudo, sugere-se que os profissionais da psicologia busquem ampliar suas pesquisas sobre essa abordagem terapêutica, para que possam enriquecer as suas experiências profissionais e as vivências de seus pacientes. Entende-se, por fim, que estudos teóricos como este são importantes para conectar as teorias dos autores e para compreender os reais objetivos da Terapia Assistida por Animais em seus vários âmbitos de atuação, salientando-se, neste artigo, a utilização dessa modalidade terapêutica com crianças hospitalizadas. Recomenda-se, pelo exposto, que sejam realizadas outras pesquisas, especialmente empíricas, material que pode ser fundamental para o avanço dos estudos no país. Cada artigo realizado em prol da TAA contribui para o desenvolvimento e para a valorização dessa modalidade terapêutica nos diversos campos de atuação do psicólogo.

REFERÊNCIAS

CAETANO, Elaine Cristina Salvaro. **As contribuições da TAA – Terapia Assistida por Animais à psicologia.** 2010. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2010. Disponível em: <<http://patastherapeutas.org/wp-content/uploads/2015/07/As-contribui%C3%A7%C3%B5es-da-TAA-%C3%9C-Psicologia.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

CASTRO, Elisa Kern de; BORNHOLDT, Ellen. Psicologia da saúde x psicologia hospitalar: definições e possibilidades de inserção profissional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 48-57, set., 2004. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000300007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 abr. 2018.

CHIATTONE, Heloisa Benevides Carvalho. A criança e a morte. In: ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto (Org.). **E a psicologia entrou no hospital**. São Paulo: Cengage Learning, 2013, p. 69-146.

DOMINGUES, Camila Mantovani. **Terapia fonoaudióloga assistida por cães**: Estudos de casos clínicos. 2007. 1 v. Dissertação (Mestrado) - Curso de Fonoaudiologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://patastherapeutas.org/wp-content/uploads/2015/07/Tese-camila.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

DOTTI, Jerson. **Terapia e Animais**: Atividade e Terapia Assistida por Animais- A/TAA Práticas para Organizações, Profissionais e Voluntários. São Paulo: Livrus, 2014.

GARCIA, Murilo Pereira. **Classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães**. 2009. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92255/266260.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. ed. 5. São Paulo: Atlas, 2010.

MOTTA, Alessandra Brunoro; ENUMO, Sônia Regina Fiorim. Intervenção psicológica lúdica para o enfrentamento da hospitalização em crianças com câncer. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 3, set. 2010. p. 445-454. FapUNIFESP. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722010000300007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 nov. 2017.

OLIVEIRA, Glaucielle Nunes de. Cinoterapia: benefícios de interação entre crianças e cães. **Teorias e Sistemas no Campo Psi**. 2007. Disponível em: <<http://www.redepsi.com.br/2007/06/23/cinoterapia-benef-cios-da-intera-o-entre-crian-as-e-c-es/>>. Acesso em: 21 mai. 2018.

RAMOS, C. M; PRADO, S. F; MANGABEIRA, V. Psicoterapia e Terapia Assistida por Animais. In: CHELINI, M. O. M., OTTA, E. **Terapia Assistida por Animais**. São Paulo: Manole, 2016.

ROMA, Renata Paula da Silva. **A influência do cão na expressividade emocional de crianças com transtorno do espectro do autismo**. 2016. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-10052016-150241/pt-br.php>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

SAVALLI, C.; ADES, C. II. Benefícios que o convívio com um animal de estimação pode promover para a saúde e bem-estar do ser humano. In: CHELINI, M. O. M., OTTA, E. **Terapia Assistida por Animais**. São Paulo: Manole, 2016.

SCHNEIDER, Amanda Mom berger; MOREIRA, Mariana Calessio. Psicólogo Intensivista: Reflexões sobre a Inserção Profissional no Âmbito Hospitalar, Formação e Prática

Profissional. **Trends Psychol**, Ribeirão Preto, v. 25, n. 3, set. 2017, p. 1225-1239. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2358-18832017000301225&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 abr. 2018.

SCHUTZ, Karina. **Intervenções Assistidas por Animais (IAAs)**. Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. 2017. Porto Alegre.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3480016/mod_label/intro/SEVERINO_Metodologia_do_Trabalho_Cientifico_2007.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2017.

SILVEIRA, Nise. **Imagens do Inconsciente**. ed. 5. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

VACCARI, Andreia Maria Heins; ALMEIDA, Fabiane de Amorim. **A importância da visita de animais de estimação na recuperação de crianças hospitalizadas**. São Paulo: Centro de Zootecnia/Veterinária, 2007. Disponível em: <http://apps.einstein.br/revista/arquivos/PDF/419-Einstein-2__Online_AO419_pg111-16.pdf> Acesso em: 22 Maio 2018.

VIVALDINI, Viviane Heredia; OLIVEIRA, Vera Barros de. Terapia assistida por animais em reabilitação clínica de pessoas com deficiência intelectual1. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 31, n. 81, p. 527-544, 07 jul. 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=94622764019>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

WU et al. Acceptability and Impact of Pet Visitation on a Pediatric Cardiology Inpatient Unit. **Journal of Pediatric Nursing**. USA. 2002. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/de82/5b731b6e86171070943db03ab83f369dbc14.pdf>>. Acesso em: 31 Maio 2017.